

AMORES INCONDICIONAIS E CORAÇÕES PARTIDOS EM SITA SINGS THE BLUES

Rogério P. Severo¹

Resumo: O filme de animação *Sita Sings the Blues* recria alguns dos episódios mais marcantes do *Ramayana*, a epopeia hindu sobre a trajetória heroica de Rama e o amor incondicional de sua esposa, Sita. No filme, no entanto, é Sita, e não Rama, a personagem central. A história é apresentada sob quatro perspectivas, gerando no espectador distanciamento do contexto histórico da narrativa e proximidade psicológica e pessoal com padrões universais de comportamento e sentimentos que são imediatamente reconhecidos. Desse modo, o filme revela o poder dos mitos e das histórias clássicas, mas o faz de modo leve e criativo, sem defender nenhuma tese ou filosofia. É um louvor às complexidades humanas, ao amor incondicional, à força da virtude e àquilo que talvez mereça ser chamado de “nossa divina humanidade”.

Palavras-chave: amor incondicional; corações partidos; virtude; *Ramayana*; Nina Paley.

1 - INTRODUÇÃO

Nina namora Dave, que vai para a Índia a trabalho. Nina o ama, e segue-o. Dave, no entanto, não a quer mais e termina o namoro num *e-mail* gélido. Dessa dor nasceu esse filme, pelas mãos e mente da animadora e cartunista norte-americana Nina Paley. *Sita Sings the Blues* (Paley, 2008) foi seu primeiro longa-metragem, seguido por *Seder-Masochism* (Paley, 2018). Ambos são filmes de animação dirigidos, produzidos, desenhados e criados integralmente por ela. Reapresentam histórias antigas de tradições religiosas sob uma ótica leve, bem-humorada, criativa e contemporânea. São obras de domínio público, distribuídas na internet e livres de quaisquer restrições de *copyright*: podem ser exibidas, copiadas, editadas, modificadas e até vendidas sem necessidade de autorização. Nina Paley defende a abolição das leis de *copyright*, que, em sua opinião, limitam em excesso a produção cultural – assunto sobre o qual já se manifestou diversas vezes e costuma escrever com frequência em seu *blog*.

Sita Sings the Blues baseia-se no *Ramayana*, poema épico hindu sobre as aventuras de Rama e sua esposa, Sita. Nascido em Ayodhya, no norte da Índia, Rama foi o sétimo

1 PhD em Filosofia pela University of Illinois at Chicago. Professor adjunto no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail*: rogerio.severo@ufrgs.br. Agradeço a Lavinia Fávero, Leticia Bueno, Mariana Vasconcellos, Jônadas Techio e Flavio Williges por seus valiosos comentários, críticas e sugestões a versões anteriores deste trabalho.

avatar do deus Vishnu. Na cosmologia hindu, Bhrama, Vishnu e Shiva são os aspectos da divindade responsáveis, respectivamente, pela criação, preservação e destruição do mundo. Em períodos de turbulência ou decadência, quando a humanidade se vê ameaçada, Vishnu encarna para restabelecer a virtude e a ética, ou *dharma*. Vishnu encarnou como Rama há mais de três mil anos, com a missão sagrada de promover o *dharma* e derrotar os demônios que assolavam a humanidade naquele período. Outro avatar bem conhecido de Vishnu é Krishna, personagem central de outro clássico hindu, o *Bhagavad-Gita*. Por sua vez, Sita, a esposa de Rama, é uma encarnação do amor incondicional. Filha da mãe-Terra, veio ao mundo para mostrar à humanidade o que significa o amor total, coisa que faz dedicando a vida ao seu amado, Rama, mesmo nas piores circunstâncias. Assim como Rama, Sita é a personificação de um aspecto da divindade.

Os sete livros que compõem o *Ramayana* contêm uma enormidade de detalhes e sutilezas, que costumam ser resumidos em versões cinematográficas. No filme de Nina Paley, Rama e Sita aparecem como polos opostos, representantes arquetípicos de qualidades masculinas e femininas, respectivamente. A dinâmica que se estabelece entre os dois é também arquetípica, apresenta um padrão de relacionamento entre casais que se manifesta em todos os tempos, inclusive hoje. Rama é o homem que vive de forma honrada, cumpre sua palavra, é exemplar no desempenho de suas funções públicas de guerreiro e governante. Sita é a mulher que vive o seu amor de maneira integral, abdica de si, transformando a própria vida em uma total devoção ao amado. Ambos têm plena consciência de seus sentimentos e de suas opções, bem como das consequências do que dizem e fazem. Essa não é uma tragédia grega, em que o herói virtuoso é tragado por um destino que desconhece e não tem como prever; não é a história de indivíduos destinados à tragédia apesar de suas virtudes. Ao contrário, na história de Sita e Rama, nada escapa ao olhar e à consciência das personagens, que optam pelo cumprimento de suas missões divinas mesmo sabendo do sofrimento que isso pode gerar para si mesmos e para as pessoas que mais amam. As consequências trágicas das ações não são ignoradas: são abraçadas de forma deliberada e consciente. A história não retrata a inevitável ignorância que caracteriza a condição humana, mas as pesadas implicações que todos temos de aceitar no exercício das virtudes éticas ou amorosas. O amor incondicional é irmão gêmeo do coração partido, e a ética pública é irmã gêmea dos sacrifícios pessoais. No filme, a condição humana é apresentada como complexa e difícil, não apenas em razão de nossa ignorância, como nas tragédias gregas, mas mesmo na ausência dela. Essa temática profunda, no entanto, não é abordada de forma direta. Ao contrário, o espectador é induzido a refletir sobre ela pela contraposição dinâmica de perspectivas complementares.

2 - QUATRO PERSPECTIVAS

Diferentemente de *Rashomon*, de Akira Kurosawa (1950), em que as personagens narram versões incompatíveis de um mesmo evento, de tal modo que o espectador não tem como saber o que ocorreu de fato, *Sita Sings the Blues* apresenta perspectivas complementares. Visões diferentes do mesmo evento desvelam camadas distintas de significado que podem ser atribuídas à história de Sita.

A primeira dessas perspectivas é a da própria criadora do filme, Nina, que namora Dave, com quem mora na cidade de São Francisco, na Califórnia. Dave recebe uma proposta de emprego na Índia, onde vai viver. Pouco depois, Nina também se muda para lá, querendo ficar com seu amado, mas logo descobre que Dave não a quer mais. O homem é frio com a namorada e se aproveita: quando Nina viaja a Nova Iorque, ele rompe o namoro com um *e-mail* curto e seco, pedindo que a garota não volte mais à Índia. De coração partido, Nina passa um bom tempo deprimida, mas, nesse processo, acaba criando para si uma ordália de fogo simbólica e cinematográfica, que é parte desse filme. A história da cineasta, nesse sentido, é paralela à de Sita, e isso mostra ao espectador que assiste-se a um padrão psicológico e existencial ao mesmo tempo, antigo e contemporâneo, ou universal.

Imagem 1: Nina vai ao encontro de Dave na Índia



Fonte: <https://www.sitasingstheblues.com/press.html#stills>.

A segunda perspectiva apresentada no filme é a da história original do *Ramayana*, o desenrolar das aventuras de Rama e Sita tal como descritas por seu autor, Valmiki, recriadas em forma de animação. Rama é o príncipe-herdeiro do trono de Ayodhya. Em razão de intrigas palacianas, é forçado a um exílio de catorze anos. Sua esposa, Sita, pede para acompanhá-lo; Rama inicialmente se opõe, alegando que a floresta é perigosa demais, cheia de demônios, mas acaba cedendo. Como Sita é a encarnação do amor incondicional, as circunstâncias pouco importam para ela. Embora seja uma deusa, filha da mãe-Terra, oculta sua divindade para deixar apenas seu amor por Rama em evidência. É isso, e apenas isso, o que quer viver. O sacrifício pessoal e a submissão a Rama não são, portanto, problemas para a deusa; nenhum obstáculo é grande ao ponto de anular o seu amor. Durante o exílio de catorze anos, Rama derrota diversos demônios e, assim, vai cumprindo sua missão divina, de reinstaurar o *dharma* sobre a Terra. O principal desses demônios vive bem longe, na ilha de Sri Lanka: Ravana, que tem dez cabeças e vinte braços, rapta Sita lançando mão de um ardil, ao enviar um súdito magicamente transformado em uma linda gazela dourada ao local onde a

deusa está. Sita pede que Rama capture a gazela para ela. O deus hesita, suspeito de uma armadilha. Mas Sita é insistente, e ele cede. Enquanto Rama está ausente, caçando a gazela, Ravana sequestra Sita e leva-a para seu castelo, onde a mantém presa e tenta seduzi-la, sem sucesso. Rama inicia, então, uma grande jornada até o Sri Lanka para salvar Sita. No caminho, recebe a ajuda de Hanuman, o deus-macaco, que vai da Índia ao Sri Lanka num pulo só, encontra Sita e pede que a deusa volte com ele escondida. Sita, no entanto, exige que Rama venha buscá-la pessoalmente. Rama e Hanuman reúnem um grande exército, constroem uma ponte que liga a Índia ao Sri Lanka e lideram a epopeia que resulta na destruição de Ravana e seu reino. Tendo sido libertada, no entanto, Sita é recebida com frieza por Rama. Embora o deus a ame, diz que não pode mais estar com ela, pois Sita esteve na casa de outro homem (Ravana). Sita, então, se joga numa pira. No filme, é Rama quem a joga no fogo, que não a queima, provando sua pureza e dissipando a frieza de Rama. Mais uma vez, Rama acolhe a esposa e leva-a de volta a Ayodhya, já que os catorze anos de exílio terminaram. Rama torna-se rei, é adorado por todos e engravida Sita. Certo dia, porém, ele escuta um homem comum, dono de uma lavanderia, batendo na esposa porque ela teria dormido na casa de outro; enquanto bate na mulher, o homem diz que “não é como Rama, que tolera que a esposa durma na casa de outro”. Essas palavras chocam Rama, que julga-se obrigado a restabelecer o respeito de seus súditos pelo exemplo pessoal. Pede que o irmão leve Sita à floresta e abandone-a lá, mesmo sabendo que a esposa estava grávida. Arrasada, a deusa parte mais uma vez para o exílio, onde dá à luz dois gêmeos. O sábio Valmiki a acolhe na floresta e ajuda a criá-los. Os gêmeos crescem cantando hinos de louvor a Rama. Sita continua amando o marido e, por isso, sua dor é enorme e constante. Anos mais tarde, Rama passeia pela floresta e escuta seus próprios filhos, que até então desconhecia, cantando em seu louvor; decide levá-los de volta ao palácio, mas hesita em levar Sita, sugerindo que a deusa teria de passar por nova ordália para provar sua pureza. Sita declara que, se for mesmo pura, quer que a mãe-Terra a leve de volta ao ventre, o que de fato acontece.

Imagem 2: Sita volta ao ventre da mãe-Terra



Fonte: <https://www.sitasingstheblues.com/press.html#stills>.

A terceira perspectiva apresentada no filme é a de três personagens indianas que mesclam uma representação visual com dublagem contemporânea e conversam sobre o *Ramayana* como se estivessem contando a história, de maneira informal, a alguém que não a conhece (nós, os espectadores ocidentais). Seus comentários são descontraídos e, por vezes, jocosos. Descrevem a história do ponto de vista do senso comum, como nós, brasileiros comuns, descreveríamos as histórias de nossas religiões – a história de Jesus, por exemplo – a um indiano que, porventura, nos visitasse e nada soubesse a respeito. Há elementos claramente autorreflexivos nessa perspectiva. Fica claro que estão recontando a história desde a perspectiva contemporânea. Há um certo ceticismo que permeia os comentários dessas três personagens, marcando um distanciamento histórico com o contexto da obra. As atitudes de Rama para com Sita lhes parecem inaceitáveis ou, ao menos, difíceis de entender. Tem-se a impressão de que Rama maltrata Sita com a sua frieza, que foi injusto ao enviá-la grávida ao exílio, tendo-o feito apenas para não manchar a própria reputação. Sua sugestão de que a esposa estaria impura parece mesmo absurda, dado o grau de devoção amorosa que exhibe, sem cessar. Sita, por sua vez, parece-nos submissa em excesso e boba, às vezes. Nessa perspectiva, fica evidente que o contexto histórico e moral do *Ramayana* é bem diferente do nosso. As atitudes de Rama parecem-nos machistas e injustas, e as atitudes de Sita parecem-nos ingênuas e submissas em demasia. Essa é uma percepção inicial bastante frequente da sequência de eventos narrados. Pode-se dizer que essa é uma perspectiva de senso comum, de nossa moral espontânea e irrefletida.

Imagem 3: Discussão sobre a ordália de Sita

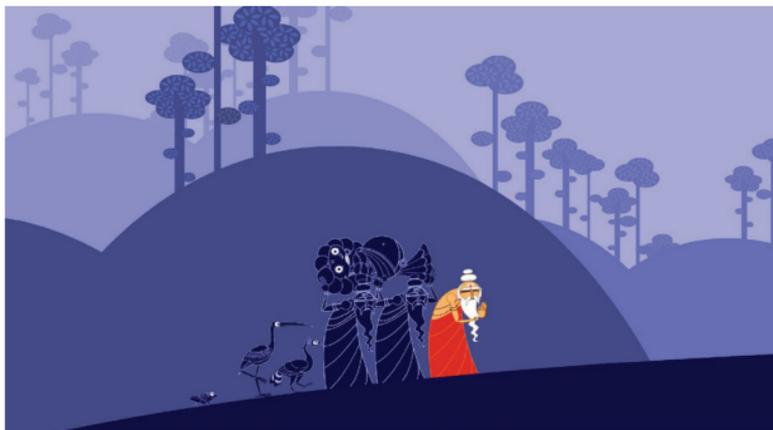


Fonte: <https://www.sitasingstheblues.com/press.html#stills>.

A quarta perspectiva é a de Annette Hanshaw, cantora de *blues* norte-americana que fez sucesso nas décadas de 1920 e 1930; e é apresentada apenas por meio de canções, que aparecem inteiras no filme, sem cortes ou edições. Annette Hanshaw dá voz ao amor e aos sofrimentos de Sita em *blues* de devoção amorosa e corações partidos.

A sugestão aqui é clara: a história de Sita não é apenas uma narrativa ficcional de milênios atrás, mas pode ser a de todos os que experimentam amores incondicionais e sofrem por ter o coração partido. É a história de Nina, de Annette Hanshaw e de boa parte de nós, espectadores do filme. Essa perspectiva, portanto, é um contraponto à perspectiva externa dos narradores indianos. Eles refletem sobre a inadequação moral dos atos de Rama no nosso contexto atual e põem em relevo nosso distanciamento histórico daquela realidade: não temos mais aquela moralidade, não agiríamos como os deuses agiram. A perspectiva de Annette Hanshaw, por outro lado, sugere proximidade e até intimidade com as personagens, sobretudo com Sita. Sugere que há verdades psicológicas universais ou quase universais que ainda são vividas hoje, que não apenas entendemos, mas experimentamos – como Nina experimentou em sua história com Dave. O *Ramayana* é apresentado como um clássico, isto é, uma obra ao mesmo tempo distante, como atestam os comentários externos dos narradores indianos, mas também próxima, conhecida e pessoal, como atestam as perspectivas de Annette Hanshaw e Nina.

Imagem 4: O sofrimento de Sita



Fonte: <https://www.sitasingstheblues.com/press.html#stills>.

Essas quatro perspectivas dialogam no filme de forma lúdica. Cada uma é apresentada com um estilo diferente de animação. A brincadeira e o humor talvez sejam as tonalidades mais marcantes. Esse não é um filme sério ou dogmático: os temas são profundos, mas a abordagem é leve e aberta. Não são defendidas teses filosóficas abstratas, críticas sociais, denúncias, nem verdades históricas documentadas. O que temos aqui é o mundo criativo das possibilidades reflexivas e sentidas, a exibição de como, em cada um de nós, há diversas perspectivas, que nos puxam em direções diferentes. O julgamento moral e o distanciamento histórico nos levam numa direção, mas a identificação com as personagens nos leva noutra. Temos, então, o reconhecimento consciente das diversas perspectivas segundo as quais todos podemos viver, e de fato vivemos, com o que pode haver de divino, elevado e humano, mas também frio, sofrido e injusto. A contraposição de perspectivas sugere que o sofrimento é inevitável em nossas vidas e que o amor incondicional não é vivido apenas por deusas, mas uma

realidade palpável para indivíduos admiráveis. Essa contraposição sugere que virtudes éticas e heroicas de pessoas honradas têm dinâmicas complicadas e consequências indesejáveis no âmbito pessoal, que podem se estabelecer de forma espontânea, mesmo quando somos virtuosos ao máximo. A moral da história, portanto, parece ser a de que, quando nos colocamos em determinados papéis, certas dinâmicas complexas com consequências divinas e sofridas se estabelecem de maneira inevitável.

Não se pode dizer que qualquer das perspectivas apresentadas no filme seja a correta. Todas são reais. A complexidade não é produto daquele contexto histórico particular, mas algo presente em nós mesmos. É assim que somos. Há padrões de comportamento que se estabelecem de forma natural, caímos em dinâmicas sociais e psicológicas por mais divinos que sejamos em relação a nossos amores ou virtudes. Então, além da religião e da moral, temos esse substrato humano e psicológico que podemos reconhecer em nós vendo o filme, que funciona como um espelho para aquilo que, no cotidiano, é invisível. As ordálias que Rama parece impor a Sita são ao mesmo tempo realidades de um mundo antigo que já não existe mais *e também* realidades ainda vivas em todos, como atestam os *blues* de Annette Hanshaw e a história pessoal de Nina.

3 - CAMADAS DE SIGNIFICADO

Superficialmente, a moral da história do *Ramayana* é simples. Temos, de um lado, o herói, Rama, e personificações do mal de outro, a exemplo de Ravana. Rama não apenas é bem-sucedido em sua jornada épica: é também amado e glorificado, sobretudo por Sita. Rama e Sita, ambos virtuosos, formam um segundo par de contrapontos: ele é o homem de ação; ela, a mulher afetiva e submissa. Esses contrapontos são visíveis na história e chamam a atenção. Entretanto, logo abaixo dessa superfície de papéis bem definidos, a história é complexa e ambígua. Embora Rama seja uma personificação da virtude, sobretudo das virtudes públicas, o filme acentua a sua frieza em relação a Sita e os sofrimentos que suas palavras e ações produzem nela. Ao submetê-la três vezes a provações extremas, o deus dá a impressão de se importar mais com a própria reputação e função pública do que com a esposa. Desse ângulo, suas virtudes heroicas e sua correção moral são maculadas. Sita, por sua vez, embora seja uma personificação do amor incondicional, é muito ativa e influente nos eventos principais da trama. Não é a mulher submissa que faz tudo o que o marido quer; ao contrário, é uma deusa que tem agência e produz as situações-chave que levam ao desfecho da narrativa. É Sita quem dobra a vontade de Rama, o qual, de início, não queria levá-la consigo para o exílio que duraria catorze anos. É ela quem pede que Rama capture a gazela dourada, apesar de ter recebido a advertência de que poderia ser uma armadilha – o que de fato cria as circunstâncias para o seu sequestro por Ravana e obriga Rama a enfrentar o demônio. É Sita quem se nega a escapar escondida do castelo de Ravana nas costas de Hanuman e induz a batalha de Rama contra o demônio. Em outras palavras, a deusa poderia ter evitado as três ocasiões em que foi submetida a provações: poderia ter optado por não ir ao exílio, poderia não ter sido raptada por Ravana e poderia ter escapado do cativeiro. Como estamos falando de uma deusa, não é razoável supor que ela não soubesse o que estava fazendo. Como a própria Sita diz no filme, poderia fulminar Ravana com o

mero brilho de seu olhar, se quisesse. Mas não quer fazer isso sem que Rama ordene; quer glorificar o homem que ama. Não foi manipulada nem enganada, fez exatamente o que quis, de forma consciente.

Nessa trama complexa e dinâmica, os destinos das personagens se entrelaçam, e as oposições que chamam a atenção à primeira vista são relativas. Rama, que veio ao mundo para reinstaurar o *dharma*, é ativamente auxiliado por Sita, que não apenas o ama, louva e glorifica, mas o induz à realização de sua missão principal: derrotar Ravana. Sita opta por ir ao exílio com Rama e deixa-se raptar justo por aquele que o marido mais precisava enfrentar. Ao se recusar a fugir do cativeiro com Hanuman, força a batalha de Rama com Ravana. Sua devoção a Rama é amorosa e não passiva. Sacrifica-se para que o marido cumpra sua missão divina. Sita também tinha uma missão divina: reviver a virtude do amor incondicional e puro na Terra. Ela anula seus poderes, capazes de aniquilar demônios, para evidenciar não sua força, mas seu amor. Ao tomar essa posição, induz Rama à ação. O deus, por sua vez, tem de optar entre o seu sentimento por Sita e a ação virtuosa pública. Apesar de amar Sita e saber que suas ações produzirão nela (e nele também) sofrimentos extremos, segue o *dharma* e faz o que precisa ser feito. Ao agir assim, mostra que seu compromisso com o *dharma* é absoluto; sacrifica seu sentimento por Sita para que o compromisso com o *dharma* se efetive. De outro lado, ao obrigar Sita a passar por provações, induz a esposa a mostrar que seu amor é incondicional.

A dinâmica profunda que há entre os dois, portanto, não é a de um homem ativo e uma mulher passiva, mas a de um homem e uma mulher que se complementam e se ajudam a realizar suas respectivas missões divinas. Se dissermos que Rama foi injusto e frio, precisamos reconhecer que Sita foi uma mulher sonsa; essas leituras, no entanto, não seriam “caridosas”, no sentido em que o termo é utilizado em filosofia, de não desconsiderar *a priori* o que está sendo dito. Tais leituras desvalorizam o que há de mais bonito e atraente na história, que é justamente a dinâmica complexa e complementar vivida por duas pessoas virtuosas em um sentido divino – justamente aquilo que se manifesta na leitura que Nina faz do *Ramayana* e nas canções de Annette Hanshaw apresentadas no filme.

O ponto culminante dessa dinâmica é a cena final, na qual Sita declara que, se for mesmo pura, quer voltar para o ventre de mãe-Terra. É aí que ela manifesta plenamente sua origem divina e rompe com o padrão de comportamento que tinha até então. Na primeira de suas provações, a ordália de fogo, prova sua pureza para poder voltar aos braços de Rama. Depois, quando é enviada grávida ao exílio, chora de amor por Rama, e seus filhos são educados cantando hinos de louvor ao marido – mais indicações de que quer voltar para Rama. Mas, quando ele exige uma terceira provação, no final do filme, Sita opta por não mais voltar a Rama, embora ainda o ame. É ela quem afirma a ação correta, o *dharma*, de modo absoluto; opta pela coerência fria, afastando-se de Rama e dos próprios filhos. Em outras palavras, age com a mesma firmeza que Rama lhe dirigiu no passado. Rama, por sua vez, ao ver sua amada Sita voltando ao ventre da mãe-Terra, chora de tristeza. Agora é o deus quem sofre por não poder estar na companhia da esposa; é ele quem ama e chora de forma passiva. Ambos, portanto, incorporaram aspectos um do outro: Rama se tornou mais amoroso; Sita, mais rígida. Isso se confirma na sequência seguinte, no início dos créditos finais. No início do filme, vemos Sita ajoelhada, massageando os pés de Rama; agora, ao final, vemos Rama

ajoelhado, massageando os pés de Sita, que dá uma piscadela para o espectador. As posições se inverteram. Ambos amam e são amados por igual, como se um círculo se fechasse e os dois não apenas se complementassem, mas cada um fosse uma parte autônoma de uma totalidade complexa.

O desfecho do filme tem esse aspecto catártico e indizível. Sofremos e nos identificamos com Sita, lembramo-nos de nossos próprios corações partidos e dos corações que partimos com nossas friezas. Mas, ao final, é como se os opostos se reconcilhassem na imagem circular de Sita no ventre da mãe-Terra e na imagem feliz de Nina acariciando seu gato e criando esse filme.

Imagem 5: Rama venera Sita



Fonte: <https://www.sitasingstheblues.com/press.html#stills>.

No filme, essa dinâmica complexa, complementar e profunda entre Sita e Rama é justamente o que é posto em relevo pelas perspectivas de Nina e Annette Hanshaw. Ambas são mulheres que amam de maneira incondicional e têm os seus corações partidos por seus amados; são humanas, mas amam de forma divina, como Sita. Nem o amor nem o sofrimento são por elas rejeitados, ao contrário, são vividos integral e conscientemente. Ambas aceitam as posições em que se colocaram. Sabem que amam, querem que assim seja e produzem, de modo consciente, as próprias ordálias de fogo. Nina produz a ordália de fogo cinematográfica, na qual se joga e pela qual se purifica e se liberta. Ao ser queimado, o coração partido não produz amargura, mas criação, abrindo uma nova etapa na vida da cineasta. Annette Hanshaw, do mesmo modo, jamais é vítima de seus amados, mas glorifica-os e deseja-os, mesmo sabendo que são imperfeitos e que sofrerá por causa deles; canta o amor e suas consequências, não a amargura. A dor do *blues* não é a da raiva nem a da depressão, mas a do anseio pela volta do amado. É o amor divinamente humano louvado em forma musical.

4 - ARTE, RELIGIÃO, FILOSOFIA

A animação de Nina Paley mostra como a dinâmica do amor entre Rama e Sita também é típica de muitos casais, em diversas épocas. O *Ramayana* não é apresentado como uma ficção irrealista, mas como uma narrativa simbólica, de padrões humanos profundos e universais. É comum pessoas que se dedicam às virtudes públicas, ao trabalho ou à política, por exemplo, preterirem aqueles que as amam, forçando-os a provar, pelo sofrimento, a incondicionalidade de seu amor – empresários que não têm tempo para suas famílias, operários que passam a vida fora de casa provendo o sustento doméstico, militantes políticos que vivem para seus ideais e abandonam os familiares, independentemente do gênero. Também é a história de pessoas que elegem o amor como valor superior e decidem vivê-lo de modo deliberado e consciente, mesmo sabendo dos sacrifícios pessoais que essa escolha implica. A dinâmica, nesses casos, é parecida com a de Sita e Rama, embora as ordálias contemporâneas costumem ser mais psicológicas do que físicas.

Ao recriar de modo lúdico a história de Sita e Rama, Nina Paley optou por apresentar tanto a complexidade das perspectivas possíveis *sobre* a história quanto as complexidades *da* própria narrativa. O filme não veicula julgamentos, nada diz sobre o certo ou errado, não afirma que estamos hoje em situação melhor ou pior; apenas deixa a criatividade livre para apresentar múltiplos aspectos daquilo que somos e daquilo que a história contém. Trata-se, nesse aspecto, de uma reflexão sentida e de uma educação sentimental para quem o assiste. Além disso, o filme indica aspectos de uma espiritualidade bem viva ainda hoje. Afinal, não são o trabalho, a comida ou os prazeres que mais importam nas vidas de pessoas como nós, os que assistiram ao filme, embora possamos esquecer disso e passar anos sem amar alguém de modo incondicional ou nos apequenarmos diante dos desafios por vezes heroicos que o mundo nos coloca. Ainda assim, nos momentos de quietude e clareza, não é difícil ver que somos muito mais mobilizados pelo amor, pela beleza e pelas virtudes do que por quaisquer de seus substitutos materiais. Do ponto de vista psicológico, isso é o que aparece como valor máximo, tratado como sagrado. O mero vislumbre dessa experiência ou vivência divina, sagrada gera a disposição para os maiores sacrifícios. É o que dá o sentimento de que a vida vale a pena, por mais sofrida que seja. É o anseio íntimo, ainda que nem sempre possa ser traduzido em palavras.

Ao resgatar esses aspectos da espiritualidade humana de modo criativo e valorizar a dimensão feminina da divindade como complementar e não oposta à divindade masculina e heroica de Rama, o filme não apenas renova a sabedoria e a profundidade psicológica do hinduísmo, mas pisca o olho para todos os espectadores que, cúmplices, sabem no íntimo que o *dharma* e o amor incondicional são dois lados da mesma moeda.

REFERÊNCIAS

RASHOMON. Direção de Akira Kurosawa. Japão: Amblin Television, 1950. (88 min.), p&b.

SEDER-MASOCHISM. Produção de Nina Paley. United States, 2018. (78 min.), color. Disponível em: <https://sedermasochism.com/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

SITA Sings the Blues. Produção de Nina Paley. United States, 2008. (82 min.), color. Disponível em: <https://www.sitasingstheblues.com/>. Acesso em: 1 dez. 2023.

TECHIO, Jônadas; WILLIGES, Flavio (org.). **Filosofia e cinema**: uma antologia. Pelotas: UFPel, 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2020/07/FC-final-1.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2023.

VALMIKI. **Ramayana**. Translated by Arshia Sttar. London: Penguin, 2000.

UNCONDITIONAL LOVE AND BROKEN HEARTS IN *SITA SINGS THE BLUES*

ABSTRACT: The animation movie *Sita Sings the Blues* recreates some of the most striking episodes of the *Ramayana*, the Hindu epic poem on Rama's heroic journey and the unconditional love of his wife Sita. In the movie, however, it is Sita and not Rama who is the main character. The story is presented in four different perspectives, which brings about in the viewers both a feeling of distance from the historical context of the narrative and a feeling of psychological and personal proximity to universal patterns of behavior and sentiment which are immediately recognizable. The movie thus reveals the power of myths and of classic stories, but does so in a way that is creative and unburdened, without putting forth any thesis or philosophy. It praises human complexities, unconditional love, the power of virtue, and that which we might want to call our divine humanity.

Keywords: Unconditional love; Broken hearts; Virtue; *Ramayana*; Nina Paley.

AMORES INCONDICIONALES Y CORAZONES ROTOS EN *SITA SINGS THE BLUES*

RESUMEN: La película de animación *Sita Sings the Blues* recrea algunos de los episodios más llamativos del *Ramayana*, la epopeya hindú sobre la trayectoria heroica de Rama y el amor incondicional de su esposa Sita. Sin embargo, en la película es Sita y no Rama el personaje central. La historia se presenta desde cuatro perspectivas diferentes, generando distanciamiento en el espectador del contexto histórico de la narración y proximidad psicológica y personal a patrones universales de comportamiento y sentimientos que son inmediatamente reconocidos. De esta forma, la película revela el poder de mitos y historias clásicas, pero lo hace de forma ligera y creativa, sin defender ninguna tesis o filosofía. Es un elogio de las complejidades humanas, del amor incondicional, de la fuerza de la virtud y de lo que quizás merezca llamarse nuestra divina humanidad.

Palabras clave: amor incondicional; corazones rotos; virtud; *Ramayana*; Nina Paley.